

J.M. †J.E.

Supra Montem



OS MONGES DO MONTE CARMELO

Fr. Tiago de S. José

INTRODUÇÃO

“Non potest civitas abscondi supra montem posita” (Mt. 5,14)

Uma Montanha, uma Fonte de água, um Profeta. Destes três elementos, surgiu a Ordem do Carmelo... Dizemos que somos “Carmelitas”, “habitantes do Monte Carmelo”. Mas o que significa isso? Este questionamento deve estar sempre sendo renovado em nosso coração... Não podemos nos acostumar com os “títulos”, deixando para trás a verdadeira herança que recebemos, porque os títulos são glórias carnis e o carisma é fruto espiritual... *Não se pode esconder uma cidade colocada sobre a montanha...* Esta Palavra de Nosso Senhor se aplica perfeitamente ao que vamos tratar neste livro. Esta cidade é escondida, mas brilha pelo esplendor da santidade. No Monte Carmelo se edificou esta verdadeira *cidade santa*, uma cidade espiritual que fez brilhar *uma luz inextinguível*. (Eclo 24,6) De forma especial, o **Primitivo Carmelo Latino**, deixou sua marca indelével porque representou um modelo de comunidade monástica que soube harmonizar o que havia de melhor na Igreja do Ocidente e do Oriente. Este é um resumo histórico em que tratamos deste tema tão caro para nós e fundamental para nossa formação. Que Nosso Pai, o Santo Profeta Elias, nos alcance a graça do Espírito Santo, para viver esta nossa vocação!

CAPÍTULO I

“*Transmigra in montem sicut passer*” (Sl. 10)

HILARION E O CARMELO GREGO

O Monte Carmelo, sede de Elias, o Profeta, sempre mereceu um lugar especial na Espiritualidade Cristã. Com efeito, os gregos sempre consideraram que o *Monacato* surgiu com *Elias*. No pensamento de São Macário: “todos os que se dedicam à vida monástica tem imitado Elias e Eliseu e aqueles que servem a Deus, seja nos claustros ou nos desertos devem se referenciar com eles, pois são os instituidores da vida monástica e religiosa.” Além da sua relação com Elias, o Monte Carmelo inspirava a devoção e tinha lugares muito propícios para uma vida retirada e contemplativa. Conta-se que nele viviam muitos leões e panteras, e que tais feras eram inofensivas e mansas nesse lugar! Tudo favorecia a mística e o encontro com o *Divino* e, mesmo os pagãos, escolhiam aquele Monte para seus rituais. A honra de ter estabelecido a vida monástica nos moldes cristãos na Terra Santa é atribuída a Santo Hilarion. Antes dele, porém, já tinha surgido São Chariton. Este, deixando Icônia, sua terra natal, depois da morte de Aureliano (ano 275) fez uma peregrinação a Jerusalém. Dali, ele achou seu caminho para uma caverna no Monte Carmelo e viveu em solidão e penitência por muitos anos. Alguns discípulos se reuniram em torno dele e Chariton organizou uma comunidade. Os seus membros viviam em celas que eram cavadas nas rochas. Assim, Chariton se tornou o fundador daquela “Laura de pedra” e foi imitado por muitos, especialmente no próprio Monte Carmelo. Santo Hilarion,

Supra Montem

nascido em Tabath, perto de Gaza, depois de ter tido contato com os monges do Egito, construiu para si uma cela na sua terra natal. Ali levou uma vida de oração e austeridade. Logo apareceram discípulos. Eles se multiplicaram pelo deserto de Kadesh e pela costa da Palestina, até Tiro, na Fenícia. O historiador Leclercq garante a existência dessas comunidades ao longo da costa marítima da Palestina no tempo de João de Jerusalém, autor do Livro “*de Institutione*”, sucessor do grande Bispo Círiilo de Jerusalém. É neste período do século IV que ocorreu a fundação da *Laura do Monte Carmelo*, a expressão mais forte do “Carmelo Grego”. As *lauras* se tornaram a forma mais característica de vida monástica na Palestina no V e VI séculos quando a Terra Santa era o centro do Monaquismo Cristão. Essas “lauras” eram aglomerações de celas individuais. Os eremitas na Laura estavam ligados apenas a uma submissão moral ao Prior. Esta independência era própria das lauras. Normalmente, a vida cenobítica era um treinamento para os eremitas que tinham esse apoio na *casa-mãe*. Depois, evoluíam para uma vida mais solitária ou anacoreta. A palavra “Laura” deriva de “rachaduras” por causa daquelas aberturas nas pedras do deserto da Judéia onde normalmente eles se instalavam. A vida das lauras eram organizadas para que o eremita passasse a semana em solidão. Aos Sábados e Domingos a comunidade se reunia para propósitos litúrgicos ou para discutir questões que afetavam o grupo. Durante a semana, eles trabalhavam e o que produziam era trocado nos mercados das cidades vizinhas. A invasão persa de Chosroes II (ano 614) deu um terrível golpe ao monaquismo Bizantino na Terra Santa. Logo, 130 mosteiros foram saquedados e seus ocupantes massacrados ou dispersos. O martirologio faz menção deles, em número de 1400 mártires, no dia 22 de Junho.

CAPÍTULO II

“Rigans montes de superioribus suis” (Sl. 103)

AYMÉRICO E A FUNDAÇÃO DO CARMELO LATINO

Desde a invasão dos persas iniciada em 614, e continuada depois pelos Turcos, a presença dos cristãos na terra santa foi se tornando cada vez mais difícil. No ano 1095, o bem-aventurado Papa Urbano II conclamou os cristãos da Europa e resgataram a terra santa com as “Cruzadas”. O Papa também desejava atender ao apelo do imperador bizantino Aleixo I Comneno que estava enfrentando os turcos seljúcidas. Nobres e pessoas simples de várias nações da Europa Ocidental, fizeram parte dessa campanha armada até a Terra Santa por terra e por mar. Houve primeiro a *Cruzada dos Mendigos* liderada pelo carismático Pedro, o Eremita, de Amiens que mal chegou a Constantinopla. Em Agosto de 1096 partiu a Cruzada Oficial com cerca de 35000 homens e 5000 cavaleiros. Chegaram à Constantinopla em Maio de 1097. Em Junho de 1098, tomaram Antioquia e um ano depois tomaram a cidade de Jerusalém. Em 22 de Julho de 1099, foi inaugurado na Igreja do Santo Sepulcro o Reino Latino de Jerusalém. Grande número de peregrinos começaram a confluir para a Palestina. Em 1142, Aymérico de Malafayda se tornou Patriarca Latino de Antioquia, na Síria. Ele procurou fomentar a organização de vários Mosteiros. Por volta de 1155, alguns monges gregos se estabeleceram no Monte Carmelo. De fato, ele tinha muita amizade com os orientais e, no contexto da Terra Santa (*antes da trágica IV Cruzada*), não se sentia a separação das Igrejas (oriente-ocidente). O chamado “cisma” de 1054 não

era percebido naquele contexto e a unidade da Igreja resplandecia com um fulgor jamais visto. Os gregos também se aproveitaram da proteção que os latinos lhes davam e fundaram muitos mosteiros pela Terra Santa. O historiador Kopp afirma que o ambiente de religiosidade oriental exerceu uma profunda e durável influencia na formação da espiritualidade Carmelita. De fato, os gregos lhes incutiram aquele conceito mais puro e primitivo de monacato que o ocidente já não conhecia. Assim, uma pequena comunidade de peregrinos piedosos vindos da Europa, atraídos pela beleza e importância bíblica do lugar, foi se organizando em torno desses monges do oriente e se deixando formar por eles. De fato, o Monte Carmelo estava no caminho dos que vinham para Jerusalém por terra, e bem próximo dos mais importantes portos de onde se chegava pelo mar. Como Antioquia ficava perto dali, Aymérico procurava orientar aquela comunidade latina que estavam se estabelecendo, fomentando a sua fundação com o *Rito Latino de Jerusalém*. Depois de certo tempo, o padre-monge Bertoldo, parente (talvez sobrinho de Aymerico), foi constituído “prior” desse grupo. Este vinha da região da Calábria, no sul da Itália. A Calábria, nessa época, fazia parte do Império Bizantino. Aymérico traduziu, do grego para o latim, o livro da Instituição dos Primeiros Monges, que teria a partir de então, uma forte influência sobre eles. Depois de mais de 500 anos de desolação, a *Laura de Elias* ressurgia das cinzas. Eles, na sua sincera dedicação, foram se considerando herdeiros de Elias e de todos os seus seguidores que viveram naquele Monte, seja no Antigo Testamento, seja na tradição Grega dos séculos anteriores. Seria muito natural que algum piedoso habitante daqueles eremitérios tenha desejado reviver o culto Bizantino de Elias na sua própria sede no Monte Carmelo... Eles ainda podiam ocupar

muitas daquelas celas cavadas nas rochas que antes tinham abrigado seus predecessores. Herdavam aquela atmosfera, aquele ambiente místico e as tradições proféticas em torno do lugar. Os Gregos construíram três grandes Mosteiros: de Santo Eliseu, de São João e de S. Margarida. Conforme o testemunho de um certo *Philippus* que viajava de Cesarea até Cayphas: “duas milhas após o Castelo (dos peregrinos) estava o Mosteiro de *São João de Tiro*. Duas milhas depois estava o Mosteiro de *Santa Maria do Carmelo*, um lugar belíssimo e agradável, situado entre montanhas, onde os Irmãos Latinos vivem, fazendo penitência. Depois de uma milha está o Mosteiro da *Santa Virgem Margarida*.” Além destas comunidades de monges gregos, também havia outros religiosos que possuíam casas na região: os cavaleiros teotônicos, os templários, os hospitalários, os beneditinos *de Cluny* e os Cônegos do Santo Sepulcro. Esses santos monges faziam daquele lugar uma “nova Tebaida” encontrando, naquelas encostas montanhosas, perfeitos eremitérios. Sabemos, pelo testemunho de *Phocas* que Bertoldo construiu uma pequena capela e uma torre e estabeleceu-se com sua comunidade de dez membros no pé do promontório do Monte Carmelo, lugar chamado *El-Khader* por volta de 1160. A estrutura daquele eremitério era muito rústica e pobre. Os peregrinos que passavam por ali a caminho de Jerusalém podiam ser acolhidos numa pequena hospedaria e eram atendidos nos sacramentos. No dizer de um Bispo da época (Jacques de Vitry) “eram como abelhas místicas fabricando o mel da divina contemplação”. Stefano de Salagnac, Dominicano do Século XIII descreve a obra de Aymérico: “este Patriarca de Antioquia, de feliz memória, admirando o teor de vida destes monges, lhes dava assistência espiritual e, escrevendo para eles uma regra de vida (o livro *da Instituição*) lhes deu uma segura orientação.

CAPÍTULO III

“Montes sicut cera fluxérunt a fácie Dómini” (Sl. 96)

A QUARTA CRUZADA E O ROMPIMENTO COM OS GREGOS

Não queremos entrar no mérito da *conveniência* das Cruzadas e de seus métodos. Apesar de todas as atrocidades e erros, a conquista da Terra Santa trouxe aos cristãos ocidentais uma forte renovação espiritual, sobretudo pelo contato com as tradições dos cristãos do oriente. Nesse ambiente de piedade, livre dos condicionamentos e convulsões sociais da Cristandade decadente, os *Eremitas* do Carmelo foram se organizando sem pretenções. De um pequeno grupo, governado por São Bertoldo durante 45 anos, foi se constituindo uma grande comunidade. Entretanto, o desastre da Quarta Cruzada causou um abalo incurável naquela fundação de marcas nitidamente orientais. A Quarta Cruzada desenrolou-se entre 1202 e 1204, acabando por conduzir ao saque de Constantinopla. O Papa Inocêncio III havia conclamado a cristandade, a partir de 1198, para a elaboração de uma nova campanha militar cristã no Médio Oriente. De forma a cumprir este objetivo, foi elaborado um plano, que visava à conquista cristã do Egito. Na época, o Egito era o principal polo militar do mundo islâmico. Ao eliminar este poderoso rival, seria mais fácil controlar os territórios na Terra Santa. Paralelamente aumentava a rivalidade comercial, militar e política entre a República de Veneza e o Império Bizantino, essencialmente após o massacre dos mercadores venezianos residentes em Constantinopla em 1182. A riqueza e crescente influência de Veneza ameaçavam a posição bizantina.

Supra Montem

A cidade-estado de Veneza foi a escolhida para o transporte militar das forças cruzadas. Os venezianos, entretanto, começaram a influenciar o destino da cruzada a partir dos seus principais arquitetos: Balduíno IX, Conde de Flandres e Bonifácio II, Marquês de Monferrato. De um lado, a rivalidade com o Império Bizantino, pelo massacre dos seus mercadores e de outro lado, uma contraditória relação comercial com o Egito... Isso seria o prato cheio para um dos maiores desastres da história da Igreja Católica. Apesar dos apelos e ameaças de excomunhão de Inocêncio III, a cruzada altera o seu objetivo inicial de tomada do Egito e saqueia a cidade de Zadar, atualmente na Croácia, na época parte integrante dos territórios do soberano húngaro cristão. Após esta conquista e tumultos políticos em Constantinopla, o Imperador Aleixo IV pedia auxílio militar aos cruzados na recuperação do trono perdido para o tio, Aleixo III, sob a promessa de grande ajuda financeira. Então, em 1204 os cruzados tomam Constantinopla. Inicialmente Aleixo IV é colocado no trono, mas, para cumprir a promessa de financiamento feita aos cruzados, acaba por sobrecarregar a população com impostos, levando ao descontentamento generalizado e ao seu assassinato ainda em 1204. Então, em meio ao caos, a cidade foi cercada durante três dias, e depois invadida e saqueada em meio à violência dos furiosos mercantilistas venezianos. Esta agressividade cruzada contra o Império Bizantino fez rasgar de vez qualquer vínculo de comunhão entre a Igreja do Oriente e a Igreja do Ocidente. De fato, devido a um tratado de paz, os reinos cristãos viviam em relativa harmonia com os muçulmanos desde 1191, não existindo verdadeiramente razões para a Quarta Cruzada. O próprio intuito da cruzada foi desvirtuado, e, em termos estratégicos, políticos e principalmente espirituais, foi um completo desastre.

CAPÍTULO IV

“*Et induxit eos in montem sanctificationis suae*” (Sl. 77)

O PATRIARCA ALBERTO E A REGRA DE 1207

Após o desastroso episódio de 1204, os gregos deixaram de ter qualquer tipo de relacionamento com os latinos. Os Carmelitas se viram privados da presença daqueles que tinham sido seus mestres na formação da vida monástica e se viam inseguros para a continuação de tal empresa. Foi com essa atmosfera de incertezas e desorientação que São Brocardo pediu ao Patriarca Alberto que lhes ajudasse escrevendo uma *Fórmula de Vida* e a confirmando com sua autoridade. Brocardo tinha assumido o cargo de Prior em 1205. Ele era natural de Jerusalém, de família francesa. Os mosteiros do oriente costumam se basear na Regra de São Basílio Magno. Entretanto, cada Mosteiro tem suas regras próprias conforme os seus costumes locais. Muitas vezes a Regra nem sequer é escrita, mas simplesmente transmitida pelos mais velhos por tradição. Eles tampouco se preocupam com “aprovação canônica”, pois, tendo a profissão monástica, estão automaticamente aprovados pela própria opção de vida. O Ocidente, porém, cada vez mais envolvido num esquema sistemático de organização, não reconheceria esta Ordem com uma apresentação tão precária, especialmente, depois que os orientais se separavam definitivamente. Em meio a estes receios, Brocardo se dispôs a fazer um caminho normal de fundação de uma ordem latina. Ao receberem a regra 1207, passaram a ter um “status” de um “mosteiro em formação”. Não há dúvida que a Regra não foi simplesmente uma inspiração pessoal do Bispo de

Jerusalém, mas sim, uma compilação dos termos essenciais que eles já tinham recebido dos seus antigos formadores. Santo Alberto nasceu em 1149, na cidade de Caltro Gualtiero, Itália. Entrou ainda adolescente para os Cônegos Regulares em Mortara. Em 1184, com apenas 35 anos foi nomeado Bispo de Bobbio e depois, Arcebispo de Vercelli. Urbano III o fez Cardeal e o Imperador Henrique VI lhe deu o título de *Príncipe*. Sua fama de pacificador e reformador chamou a atenção do Papa que, em 17 de fevereiro de 1205, lhe pediu para aceitar o *Patriarcado latino de Jerusalém*. No mesmo ano, ele partiu para a *Terra Santa* vindo a residir em Ptolemaida, ou S. João de Acre, pois, Jerusalém já havia sido tomada pelos muçulmanos). Esta *cidade-fortaleza* estava localizada há uns doze quilômetros do Monte Carmelo. Esta proximidade foi providencial para que o Patriarca pudesse conhecer bem a realidade dos *Carmelitas*. Santo Alberto, juntamente com o Prior *Brocardo*, podem ser considerados os dois organizadores desta segunda fase do Carmelo Latino. Em 1214 ele se preparava para ir à Europa para o IV Concílio de Latrão, quando foi assassinado na procissão da Festa da Exaltação da Santa Cruz. Durante o generalato de Brocardo houve uma estruturação da vida cenobítica. Este santo Prior procurou unir os ensinamentos do Livro da Instituição ao sentido da nova *Formula vitae*. De fato, entendiam que a Regra não vinha para suprir, nem tampouco, suprimir o livro “de Institutione”. Uma e outra se harmonizavam perfeitamente formando um conjunto que demonstra a dupla tradição monástica: oriental (grega) e ocidental (latina). A Regra Albertina é um dos mais belos textos da tradição monástica da Igreja. Toda impregnada de citações das escrituras, num estilo sóbrio e preciso, contém muita sabedoria e discernimento, para se viver em “obséquio de Jesus Cristo” Nosso Senhor.

CAPÍTULO V

“Magnus Dominus in Monte sancto ejus” (Sl. 47)

ALANO E A MIGRAÇÃO PARA A EUROPA

Após a morte de São Brocardo, governou a ordem o presbítero grego Cirilo (Kyrilos) proveniente de Constantinopla. (Muitos o confundem com o Bispo *São Cirilo de Alexandria*, que também viveu como monge no Carmelo, porém, 800 anos antes). Segundo a tradição, ele teria sonhado com a Mãe de Deus que lhe mostrava esse lugar onde todos viviam em união com Ela. Cirilo, então entrou num navio e foi para a Terra Santa. Quando chegou a Acre, encontrou São Brocardo que o dirigiu ao Monte Carmelo. O Generalato de São Cirilo é considerado a época mais grandiosa do Carmelo Latino. Quando Cirilo faleceu, Bertoldo II foi eleito Prior Geral. Depois dele, governou a Ordem o Beato Alano Brettone. Há evidências de que já no ano de 1219, Santo Ângelo realizou a fundação do primeiro Mosteiro fora da Terra Santa, na Sicília. Outras fundações foram feitas em seguida, em alguns lugares. Diz um relato da época que “no ano de 1220 os carmelitas começaram a ser conhecidos na Europa, depois que o *Jerosolimitano* Ângelo, eremita desta mesma ordem, tinha predito em Roma que a república dos cristãos seria em breve destruída.” Entretanto, foi no ano de 1238, que, sob o pretexto de “segurança”, muitos expressaram o seu desejo de retornarem aos seus países e fundarem Mosteiros, onde pudessem “*com mais segurança servir fielmente ao Senhor Deus e à sua Mãe a Virgem Maria.*” Esta proposta desconcertou o Prior Alano. Ele convocou um Capítulo no qual apresentou a questão. Houve muitos que se

declararam contrários àquela migração em massa para a Europa. O Prior se mostrou indeciso, mas depois cedeu à pressão, e consentiu. O argumento era de que se sentiam ameaçados pelo domínio dos *sarracenos*. Começaram, então, a regressar para seus países na Europa fazendo fundações de eremitérios nas proximidades de Messina, na Sicília, Pisa, Marselha e Paris. Na Inglaterra, sua sede estava na estrada que ligava Londres a Canterbury (Cantuária) em Aylesford. Num primeiro momento, a migração para a Europa não trouxe prejuízo para a vivência do *Carisma*. Especialmente porque a referência do Monte Carmelo como *Casa-Mãe* continuava muito forte. Eles sempre escolhiam os lugares ermos que fossem mais parecidos com o Monte Carmelo. Sobre a primeira fundação na Inglaterra conta-se que: “Rodolfo e Ivo procuravam por todos os lugares solitários, algum que fosse semelhante ao Carmelo. Chegaram finalmente em Alnwich, no deserto de Hulne e avistaram um monte muito parecido. Estando eles cansadíssimos da viagem, decidiram descansar um pouco e depois de terem feito orações, Rodolfo plantou seu bastão na terra dizendo: ‘não darei descanso às minhas pálpebras nem terei repouso até que eu ache um lugar para o Senhor, um tabernáculo ao Deus de Jacó.’ E, tendo dormido um pouco, quando acordou, viram que no lugar onde fora plantado o bastão brotou uma fonte de água, semelhante à fonte de Elias. Ali permaneceram e construíram o eremo.” Também foi por amor à solidão que eles negaram um convento que o Rei São Luís lhes tinha oferecido no centro de Paris enquanto aceitaram um outro terreno que o Rei lhes deu longe da cidade... Este processo de migração não foi fácil e também sofreram oposição por parte das autoridades da Igreja. O IV Concílio Lateranense celebrado por Inocêncio III em 1215, no seu 13º Canon dizia:

“afim de que a multiplicidade de ordens religiosas não acarrete em grave ofensa para a Igreja de Deus, firmemente proibimos que qualquer um inicie uma nova ordem, mas qualquer pessoa que queira entrar em religião, escolha uma ordem já aprovada. Da mesma forma, quando se fundar uma nova casa, tome a regra de uma ordem que já esteja aprovada.” Por causa disso, era forte o argumento dos opositores de que o *Instituto Carmelitano* não poderia existir. Entretanto, contra toda esperança, o Papa Honório III defendeu a tese de que os carmelitas já tinham sua existência antes de 1215 e se dispôs a confirmar a Ordem, com a Bula de 30 de janeiro de 1226, na qual dizia: “Honório, Bispo, servo de Deus. Aos diletos Filhos Prior e irmãos eremitas do Monte Carmelo: Saudação e benção Apostólica. Como vós afirmais humildemente haver começado a viver segundo a norma de vida dada pelo Patriarca de Jerusalém, de feliz memória, e tivestes, ainda antes do Concílio Geral, uma Regra, permito que, para o futuro, vós e vossos sucessores continueis a observá-la o quanto podeis, com a graça de Deus, *in remissionem peccatorum*.” Não obstante esta acolhida do Papa, os Carmelitas continuavam a ser alvo da inveja e do despeito de sacerdotes seculares e de outras ordens. Mesmo assim, a Ordem continuava crescendo não só na Europa, mas também na Palestina. Em 19 de Fevereiro de 1263, o Papa Urbano IV escreveu a bula “*Quoniam ut ait Apostolus*” endereçada a todos os Cristãos da Terra Santa, explicando as circunstâncias da construção de um novo Mosteiro dos Carmelitas. O Papa informava a comunidade cristã que o Prior Provincial e os *Irmãos da Ordem da Virgem Maria do Monte Carmelo* tinham iniciado um suntuoso projeto para erigir um novo mosteiro na Diocese de Cesaréia, em honra de Deus e de sua Patrona Gloriosa, a mesma Virgem. O Papa concedia uma *indulgência* a

todos os que ajudassem a levar a obra à sua conclusão. Também, na Itália surgia informalmente o ramo feminino para virgens e viúvas que desejavam viver separadas do mundo. Em 1300 já se tem notícia de várias dessas casas em Messina, Veneza e outros lugares também do sul da França. No entanto, as mudanças sociais e econômicas da segunda metade do século XIII favoreciam mais a formação das novas ordens mendicantes. Os Franciscanos e Dominicanos se desenvolviam muito nas cidades, que estavam crescendo cada vez mais. O modo de vida “mendicante” adotado por eles se configurava com uma vida apostólica e urbana. (O termo “mendicante” não quer dizer que fossem “mendigos”, nem que vivessem em *extrema pobreza*, mas, simplesmente, pelo fato do seu sustento ser garantido por aquilo que os frades *pediam* para as pessoas...) Ao mesmo tempo, o termo *eremita* se tornava sinônimo de algo incômodo e desorganizado que deveria ser extinto. A Hierarquia da Igreja, cada vez mais formalista, desejava “regularizar” a vida dos eremitas leigos (que eram muitos) para que ingressassem nas ordens e se tornassem “religiosos” no sentido *canônico* do termo. Ordens como os próprios *Franciscanos*, *Eremitas de Santo Agostinho*, *Eremitas de São Paulo* e *Servitas* foram também inicialmente um grupo de *eremitas leigos* que depois tiveram que se conformar com essas regulamentações. Os *Carmelitas* não deixaram de sofrer esta pressão. Não podiam, tampouco, ser chamados de “monges” porque, desde o século IX, esse título só podia ser dado àqueles que adotassem a *Regra de São Bento*. Uma “comunidade de monges eremitas” nos moldes da Palestina era algo completamente sem sentido para os cristãos ocidentais do século XIII. Em poucas palavras, o ocidente cada vez mais “canônico” não tinha mais sensibilidade para acolher o carisma carmelitano com suas marcas orientais...

CAPÍTULO VI

“*Domine quis requiescet in Monte sancto tuo?*” (Sl. 14)

INOCÊNCIO IV E A REGRA DE 1247

O Prior Alano, tendo renunciado, foi sucedido por São Simão. Não parece ser verdadeira a interpretação que atribui a São Simão Stock esse projeto de extinguir a vida eremítica do Carmelo. Ele, de fato, sempre tinha sido um amante da solidão. Antes de ser Prior Geral tinha vivido durante anos no Monte Carmelo. Não se sabe quanto tempo exatamente ele governou a Ordem. Em 1245, quando se celebrou o primeiro Capítulo Geral em Aylesford na Inglaterra, parece ter deixado o cargo. Em seu lugar, outro inglês, Godofredo, fora eleito. Não se sabe quase nada sobre ele. Nesta ocasião, a Ordem tinha trinta mosteiros. Foi neste Capítulo que se decidiu enviar delegados à Santa Sé (freis Reginaldo e Pedro) para pedir que fossem feitas, pela autoridade do Papa, algumas adaptações na *Formula Vitae* que Santo Alberto tinha escrito. Assim, em Outubro de 1247, o Papa Inocêncio IV assinou a *Edição Revisada da Carta do Patriarca Alberto*, conforme a redação dos Dominicanos, Cardeal Hugo e o Bispo Willian de Tortosa. Por mais que havia um desejo de grande parte dos membros da Ordem naquelas modificações, havia também uma forte influência por parte desses prelados dominicanos que tinham redigido a “nova Regra”. Algumas mudanças intensificavam a vida *cenobítica*, como o que se refere ao refeitório comum, à recitação das canônicas juntos, ou à obrigação de estarem nas missas, não somente nos domingos e festas, mas todos os dias (*per singulos dies*). Também passaram a

ter algumas concessões para se comer carne ou a possibilidade de terem animais para transporte e alimentação. Entretanto, o que realmente alterava a essência do carisma era o ponto que dava permissão para viverem não somente nos ermos, mas também: “nos lugares onde vos forem doados e que forem convenientes”. Como era difícil dizer exatamente que lugares seriam “convenientes”, a partir de 1250 começaram a viver em conventos urbanos. Assim, de uma forma sutil, a índole *monástica-contemplativa* foi sendo substituída por um acento apostólico-clerical. Após alguns anos de vigor, a Regra de 1247 criara uma situação bem delicada: conventos bastante ricos e numerosos, e do outro lado, eremitérios rurais *pobres e muito reduzidos*. Havia duas “Ordens” numa única Ordem. Foi uma guerra entre dois objetivos: crescer em número ou preservar no *carisma*. A primeira opinião foi a que prevaleceu. Além disso, um eremita no molde da Palestina não tinha um método de trabalho agrícola, como dos outros monges ocidentais que tiravam o seu sustento da terra, mas viviam do que recebiam das pessoas. Quando migraram para a Europa, escolhiam lugares ermos e não conseguiam se manter, porque os leigos no ocidente não tinham a mesma devoção pelos monges e não vinham até eles. Então optavam pelas cidades que acolhiam os religiosos de vida ativa com muito agrado. Era, pois, difícil recusar àquele apelo, uma vez que estariam mais bem amparados economicamente. Foi o que podemos definir como “uma opção pelo mais cômodo”. De fato, nenhuma reforma carmelitana penetrou fundo neste *problema econômico*. Mesmo quando os descalços e os carmelitas da reforma *turunense* no século XVII começaram a ter “desertos” para se restaurar a vida eremítica, seu sustento sempre foi garantido pelos conventos urbanos de vida apostólica, o que sem dúvida seria sua ruína...

CAPÍTULO VII

*“Exaltáte Dominum et adoráte in **Monte** sancto ejus”* (Sl. 98)

NICOLAU E O FIM DO MONTE CARMELO

Após a morte de São Simão Stock em Bordeaux no ano de 1265, o Capítulo Geral da Ordem elegeu para o cargo de Prior Geral, o Vigário da Terra Santa, chamado Nicolau, conhecido como “o Francês”. Neste tempo, a Ordem já estava bem dividida em 2 partidos: os que defendiam a vida ativa e intelectual e os que defendiam a o *carisma monástico primitivo* (estes, mais concentrados na Província da Terra Santa). Nicolau iniciou um programa de fazer reviver o ideal contemplativo de antes. Com tal finalidade, ele visitou todas as províncias. Nicolau, que tinha sido Vigário no Oriente e tinha vivido no Monte Carmelo, amava o “ermo”. Sofreu duramente por ver essa transição inexorável. Quando percebeu que não conseguiria realizar este intento, renunciou ao seu cargo e se retirou num eremitério no monte Enatrof, na França, onde escreveu o *“Ígnea sagitta”*. Neste escrito, ele se dirige à Ordem chamando-a de “mãe” e aos opositores como “enteados”, ou “falsos filhos”. Em duras críticas, expõe toda a sua mágoa e argumenta violentamente contra os que tinham adotado a vida apostólica: “Talvez vocês respondam,” escreve Nicolau, “querendo dar à luz à arrogância concebida, e digam palavras embrulhadas como estas: *nunca tivemos a intenção de resistir à vontade divina, antes, nos conformamos com ela. Pois queremos edificar o povo de Deus, pregando a suas Palavras, ouvindo confissões, dando conselhos e fazendo ainda outras boas obras, para que possamos ser úteis a*

Supra Montem

nós e aos outros, e isso procuramos com todas as forças como convém, pois sabes bem que por esta causa, certamente justíssima, nós saímos da solidão do deserto ao tropel das cidades, para que possamos exercer os ofícios acima mencionados. Repara ó Mãe, a soberba dos enteados, como não se incomodam com o escândalo da tua desordem, dão sua resposta cheia de sofismas, cegos para o perigo que correm.” Seu esforço não era perdido e durante muitos anos ainda houve um movimento forte no sentido de defender este ideal primitivo. O seu exemplo foi imitado por outros dois priores gerais que se seguiram: Rodolfo Alemão (1270-1273) e Raimundo dell’Isola (1294-1297). Também o Prior Geral Pierre De Millaud (1273-1294) era mais inclinado ao *partido conservador* e protestou, juntamente com os outros priores do oriente, quanto em 1274 o Concílio Lugdunense dizia que “a Ordem dos Carmelitas tinha o mesmo estilo de vida das outras *ordens mendicantes*.” Em 1287, no Capítulo Geral em Montpellier, se definia que a Ordem deveria manter a *índole contemplativa*: “abandonamos o século para poder servir eficazmente nosso Criador *na contemplação*.” (ata do Capítulo). Naquele ano de 1287, a Ordem contava com nove Províncias: Terra Santa, Sicília, Inglaterra, Provenza, Romano-Toscana, França, Lombardia, Germania e Aquitania. Ao fim do século, a Ordem já tinha 100 conventos. Entretanto, em 1291, Acre caiu nas mãos dos sarracenos e os Mosteiros do Monte Carmelo foram abandonados e se perdeu a principal referência... Os Priores Gerais que se seguiram, Gerardo de Bolonha (1297-1317) e Guido Terrena (1318-1321) que eram *doutores em Teologia* e adeptos do novo regime do *de vida urbana e acadêmica* completaram esse processo de extinção. O Papa João XXII oficialmente declarou que os carmelitas eram em tudo iguais aos outros *frades mendicantes* com a Bula Sacer Ordo de 1317.

CONCLUSÃO

Sabemos que Deus escolhe o que o mundo considera *fraco e desprezível* “para que nenhum homem se glorie diante dele”. (I Cor. 1,29) Não julgamos que a vida monástica seja *melhor* ou *mais santa* do que outras vocações, mas que, simplesmente, os monges são **escolhidos** para uma dedicação mais perfeita, ou para uma “*optima parte*” (Lc.10) como disse o Senhor para Marta. Tampouco menosprezamos os grandes frutos de santidade que as pessoas que vivem no mundo podem produzir... O que devemos, porém, é valorizar o dom da vida contemplativa e procurar resgatar esse modo carmelitano de *amar o deserto*. Podemos constatar que houve, sem sombra de dúvidas, uma conspiração dentro da própria Ordem para se extinguir a primitiva observância monástica e eremítica do Monte Carmelo. Apesar de não deixarmos de reconhecer os frutos da Ordem do Carmo que seguiu adiante, não deixaremos nunca de lamentar a perda dos valores de outrora. Motivados por ambições e raciocínios humanos, os próprios “carmelitas” foram os algozes desta antiga ordem e tudo aquilo que pudesse servir de memória daquele modo de vida foi propositalmente destruído ou relegado ao esquecimento. Sabemos que muitas reformas do Carmelo buscaram retomar este *carisma original*... Entretanto, todas estas reformas contentaram-se somente com a valorização devocional de uma fama do passado. Mesmo a *reforma descalça* não foi capaz de se desvincular do processo evolutivo que a ordem já tinha empreendido e de se firmar numa raiz de vida monástica autêntica de *índole oriental*, como foi o Carmelo do início. Esperemos que o Espírito Santo ainda traga esta Ordem de volta para este *Santo Monte*... (I Reis 19,11)